

## **MEDIAÇÃO E AFETIVIDADE NO ENSINO A DISTÂNCIA**

**Iraci Veni Scheffler, Liliane de Sousa Cardoso**

O presente artigo tem o intuito de contribuir com relatos sobre a Educação a Distância no Brasil e sua mediação com a afetividade entre alunos, professores e tutores desde ao início de sua história até os momentos atuais, e o quanto a mediação dos tutores tem influenciado nas questões da afetividade no processo de ensino-aprendizagem na EaD. Corroborando com os estudos, a análise destes processos de interação e criação de vínculos afetivos na EaD, em ambientes físicos e virtuais, é um tanto suprimido por assim não se dizer – carente. Assmann (1998) cita que não cabem dúvidas de que o cérebro necessita do abraço para ser desenvolvido e as estruturas cognitivas dependem desse alimento para alcançar um nível adequado de ensino. Estudos relevantes enfatizam que o ambiente pedagógico precisa ser cativante de forma que gere fascínio, interesse e paixão pelo aprender. No contexto real, a reflexão a cerca do EaD nos mostra que a distância e o tempo aliados a influência nos levam a ter uma afetividade interativa. Niskeir (1999) cita que o tutor em sala é o único elemento estimulante e orientador para o auto desenvolvimento do aluno. Para Chalita (2004) o aluno, assim como o professor e como todo o ser humano precisa de afeto para ser valorizado. Mattos (apud RIBEIRO e JUTRAS, 2004), dialoga que a afetividade contribui para a criação de um clima de compreensão, confiança, de respeito mútuo, de motivação e de amor, que podem trazer benefícios para a aprendizagem escolar. Para Wallon (1995) a afetividade é a chave para o crescimento e a formação da personalidade do indivíduo. Cabe neste processo de análise de estudos do EaD, cujos fatos transcendem a história, e que os laços de afetividade já se faziam presentes em suas transcrições via correspondência, seguidas pela comunicação auditiva (radio), visual (televisiva), até o momento em que a tecnologia interativa e midiática começou a fazer parte do contexto de ensino. Serra (2005) em sua fala comenta que a afetividade vai adquirindo relativa independência de fatores corporais, e as experiências emocionais se renovam e se reformulam por intermédio das experiências vividas ao longo do tempo. Para Vygotsky (2001), as lembranças que possuímos estão ligadas às vivências afetivas mais impactantes. Ao pensar em sala de aula, com certeza o indivíduo irá lembrar-se de uma situação que marcou devido o componente afetivo, sendo assim é possível dizer que a aprendizagem em um ambiente afetivo favorece a aprendizagem, sendo assim o autor informa que se um professor quiser que seu aluno recorde com mais facilidade ou haja o exercício do pensamento, as atividades deverão ser estimuladas emocionalmente. Fernandes (1991) conta que para aprender necessitamos de dois personagens: - o que ensina e o que aprende, e nós aprendemos de qualquer um, muito mais daquele a quem outorgamos confiança. Com o advento da tecnologia, Valente (2003) em suas doutrinas cita que a internet cria condições para que esta interação professor-aprendiz seja intensa, permitindo o acompanhamento do aluno e a criação de condições para o professor “estar junto”, ao seu lado, vivenciando as situações e auxiliando-o a resolver seus problemas. Embora essas novas tecnologias se mostrem ferramentas de inovação na educação, é o professor e a forma como este interage com os alunos que possibilitará o sucesso ou o fracasso

da educação a distância, semelhantemente ao que ocorre em aulas tradicionais, mantendo desta forma um vínculo afetivo interativo. Nessa relação de estudos entre a afetividade mediada pela interatividade e o ensino EaD, vemos que a subjetividade se faz presente em todos os momentos da vida, no contexto familiar, onde iniciamos os primeiros passos até a nossa vida adulta.

**Palavras-chave:** Afetividade. Ensino a Distância. Ensino-aprendizagem. Mediação

**Referências Bibliográficas:**

ASSMANN, Hugo. Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente. Petrópolis: Vozes, 1998

CHALITA, Gabriel. Educação: a solução está no afeto. 14. ed. São Paulo: Gente, 2004

FERNÁNDEZ, Alicia. A inteligência aprisionada. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

NISKIER, Arnaldo. Educação a distância: a tecnologia da esperança. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

MATTOS, Sandra Maria Nascimento de. A afetividade como fator de inclusão escolar. In: Teias online, v. 18, p. 50-59, 2008.

MORAM, J. M. MASETTO, M. T.: BEHRENS, M. A. As Tecnologias e a mediação pedagógica. Campinas: Papirus. 2000.p. 34.

MORAN, J.M. MASETTO, Marcos & BEHRENS, Marilda. Novas tecnologias e mediação pedagógica. 7a ed. São Paulo: Papirus, 2003,p.150.

SERRA, Daniela Tereza Santos. Afetividade, Aprendizagem e Educação On-line. [s.d.] Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp002652.pdf>. Acesso em 22 de setembro de 2018

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. A Construção do Pensamento e da Linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2001

VALENTE, José Armando. Educação a distância no ensino superior: soluções e flexibilizações. Interface – Comunicação, Saúde, Educação. v. 7, n. 12, pp. 139-142, fev. 2003.

WALLON, Henry. Do ato ao pensamento. Lisboa: Moraes Editores, 1978

Origens do caráter na criança. São Paulo: Nova Alexandria, 1995.